

Um homem de palavra

Esta semana terminei o décimo terceiro episódio da sétima temporada da série Sons of Anarchy. Noventa e dois episódios depois, vi-me triste na madrugada com a despedida do personagem principal, Jax Teller. O problema é que Jax era o brutal e assassino líder de uma gangue de motoqueiros que, além de comercializar armas e drogas, mantinha vínculos em outras atividades ilegais, como a prostituição. A última temporada, em especial, foi um banho de sangue, com centenas de mortos. Qual a justificativa para eu me importar com o destino de um personagem desses?

Para começar, o óbvio: as pessoas não são boas ou más, simplesmente. Isso é um maniqueísmo que cai bem somente em contos de fada ou novelas mal escritas. Um roteirista minimamente competente consegue trabalhar com as nossas dualidade e pluralidades. Jax, por exemplo, era pai, marido, carismático, inteligente, determinado e matava gente pior (olha um pequeno maniqueísmo aí) do que ele. O mais marcante, tinha uma relação de irmandade com seus companheiros, era honrado e mantinha a palavra empenhada.

Honra e palavra empenhada. Todo personagem masculino, se quer qualquer simpatia do público, tem que manter os dois, que muitas vezes se confundem. Ele pode matar, roubar, esfolar, e tudo isso pode ser perdoado. Agora, se for mentiroso ...

Na vida real, honra é algo que se demora a ter e se perde num instante. Certa vez, um grupo de amigos meus jogava uma partida de canastra, num sítio, quando a casa foi praticamente invadida por uma mulher. Aos prantos, dizia estar sendo agredida pelo marido, que a perseguia. Era a época das trevas pré-celular e um dos meus amigos foi até um sítio vizinho, atrás de um policial que morava ali. O policial atendeu, disse estar de folga e não ser problema seu. Meu amigo, inconformado com aquela omissão, pensou no pior xingamento que poderia dizer àquele homem.

— Honra se perde somente um vez. — Virou-se e foi embora, antes de apanhar, deixando o policial esbravejando atrás de si.

Pode-se reconquistar a honra, mas é um processo demorado. E as pessoas sempre ficarão com uma pulga atrás da orelha. Você terá que provar pelo resto da vida que é confiável.

Sobre a palavra empenhada, a melhor história que conheço é uma do meu pai. Ele estava jogando bola com amigos na Avenida Independência, ao lado do Colégio Rosário em Porto Alegre, imagino que no final dos anos quarenta. Para quem não conhece, a Avenida hoje tem quatro pistas e um fluxo enorme de veículos. Atravessá-la é um desafio para qualquer pedestre. Na época, podia-se tranquilamente marcar as goleiras e jogar com a bola que conseguissem, couro, meia ou assemelhado, praticamente sem perigo ou interrupção.

O problema é que as goleiras ficavam coladas à parede do Colégio, que tinha uma sequência de janelões. Lá pelas tantas, o padre encarregado da disciplina apareceu e mandou que parem de jogar ali, antes que alguma vidraça fosse quebrada. Obviamente, o pedido foi ignorado e, tão logo o padre virou às costas, o jogo foi reiniciado.

Dois gols depois, voltou o padre, um alemão enorme, e apreendeu a bola. Meu pai ameaçou, então, que se a bola não fosse devolvida, quebraria todas as vidraças do colégio. O padre ignorou-o. Meu pai esperou ele sumir dentro do colégio, pegou uma pedra e foi quebrando, um a um, todos os vidros que alcançava nos janelões.

A quantidade de vidros quebrados variava um pouco nas versões que ouvi do meu pai e da minha avó. Acho razoável presumir que ele tenha passado por umas cinco ou seis janelas antes de ser contido pelo padre e por empregados do colégio e levado, como um louco enfurecido, para a sala do diretor.

Meu avô, um distinto advogado, foi chamado para resgatar o filho. Ouviu impassível e com o rosto fechado toda a história. Imagino que o tom do diretor não tenha contribuído para angariar a sua simpatia. Ao final dela, virou-se para o filho e perguntou.

— Tu prometeste que quebraria todos os vidros?

— Sim, pai. Prometi.

Meu avô aquiesceu gravemente, virou-se para o diretor, e sentenciou.

— Um homem tem que manter a sua palavra. Quanto foi o prejuízo?

Obviamente, meu pai mal viu a luz do sol por quase um mês, preso aos estudos e sem jogar bola. Ali, contudo, frente a estranhos, era mais importante para o meu avô a lição de que se deve manter a palavra, mesmo sabendo que sofreria as consequências.

Meu pai foi o vilão que praticou o crime, manteve a sua palavra, foi corajoso e aceitou as consequências. Não tem como deixar torcer para ele. Ou para o Jax.

D DANIEL
NONOHAY